

BUSCA DO SENTIDO DO SER E DO FAZER EM PSICOLOGIA: O QUE DIZEM OS BACHARÉIS DA UMESP

Candido J. Flauzino – UMESP

Denílson Grecchi - UMESP

Ludmila Dantas Feitosa – UMESP

Thiago de Paula Cruz – UMESP

Orientadora: Dra. Dagmar Silva Pinto de Castro – UMESP

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo aprofundar o conhecimento da Fenomenologia em diálogo com a Psicologia por meio da pesquisa: Busca do Sentido do ser e do fazer Psicologia para bacharéis do curso de Psicologia da UMESP. Teve seu início a partir do II SIPQ em diálogo com a profa. Dra. Vitória Helena Cunha Espósito (PUC-SP e SEPQ). Com base no método fenomenológico, foram ouvidos seis sujeitos, a partir dos quais foram levantadas unidades de sentido e transformadas em categorias fenomenologicamente analisadas. Dentre os seis relatos, três categorias foram comuns em todos eles: *“O ser do e da Psicólogo(a) – o estado de abertura do ser”*, *“A formação do e da Psicólogo(a)”* e *“A visão de ser humano e mundo – a escolha da abordagem”*. Nota-se uma convergência nos relatos da Psicologia como algo entrelaçado ao modo de ser. Algo que antecede a própria escolha do curso, que dialoga com a formação do profissional. Há uma fala divergente que aponta tanto para uma formação que agrega e dão referências para a prática profissional quanto uma formação com lacunas e devem ser complementadas. As categorias: *“A atuação profissional ancorada em uma abordagem teórica”* e *“A Psicologia enquanto integradora”*, permitem desvelar que há um fio estrutural que passeia entre elas. Os resultados apontam para a importância do processo pedagógico aprender-fazendo que permite a iniciantes em pesquisa se apropriarem do Método Fenomenológico com mais consistência.

Palavras-Chave: Método Fenomenológico; Psicologia e Pesquisa Qualitativa.

Abstract

This research has as purpose learn about phenomenological methods in dialogue with the psychology by the research: Looking for the meaning of being and doing in psychology for the UMESP psychology students. This work started in the II SIPQ dialoguing with the teacher Dr. Vitória Helena Cunha Espósito (PUC-SP e SEPQ). With the phenomenological methods basis, we eared six people then we got the meaning units and become them in analitical categories. Amongst the six stories, three categories had been common in all of them: "the being of the psychologist – the state of opening being", "the formation of the psychologist" and "The view of human being and of the world – the choose between perspectives". A convergence in the stories of Psychology is noticed as something interlaced to the way to be. Something that precedes the proper choice of the course, that dialogues with the formation of the professional. It has one speaks divergent that it points in such a way with respect to a formation that adds and they give to references for the practical professional how much a formation with gaps and must be complemented. The categories: "the professional performance anchored in a theoretical boarding" and "Psychology while integrator" allow us to discover that it has a structural wire that it takes a walk between them. The results point with respect to the importance of the pedagogical process learn-making that it allows the beginning ones in research if to appropriate of the Phenomenological Method with more consistency.

RECUPERANDO AS MEMÓRIAS

Em meados de 2003, o Grupo de Estudos em Fenomenologia do Curso de Psicologia da UMESP, organizou-se a partir da inquietação gerada em alguns alunos da graduação desse mesmo curso após a leitura do livro “*O paciente psiquiátrico*” (VAN DEN BERG), no qual o autor ao relatar uma experiência frustrante de um homem que prepara sua casa para receber um velho amigo que não aparece por conta de um contratempo; o livro traz uma nova perspectiva de análise de um fenômeno, até então não conhecida por estes alunos.

A relação estabelecida entre o dono da casa e os objetos destinados à recepção do seu amigo mostra uma situação cheia de lembranças e significados. Esta relação entre sujeito-objeto apresenta ao grupo um olhar fenomenológico da situação, que se diferencia das outras perspectivas positivistas de análise, na qual se observa, diferentemente da Fenomenologia, uma dicotomia sujeito-objeto.

Na busca de maiores conhecimentos acerca da Fenomenologia, o grupo participou, em agosto de 2003, de um evento sobre a Fenomenologia do Cuidar promovido pelo Instituto PsicoEthos e FENPEC-UMESP, grupo de estudos das obras sobre a fenomenologia, alocado na Faculdade de Filosofia da UMESP. O contato ocorrido em tal evento possibilitou o diálogo e contato com os demais profissionais da área.

Em março de 2004, o grupo apresentou no II Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos, na Universidade do Sagrado Coração em Bauru–SP, um relato da trajetória do grupo, no qual foram apresentadas as falas de alguns de seus integrantes acerca das compreensões do método fenomenológico, as dificuldades encontradas para a organização do grupo, a presença da Fenomenologia na grade curricular do curso de Psicologia e a perspectiva do grupo em aprofundar o conhecimento do método fenomenológico, em diálogo com a Psicologia.

A apresentação do relato citado no formato de pôster também proporcionou novos contatos com outros estudiosos da Fenomenologia, um intercâmbio foi proposto pelo grupo com a Profa. Dra. Vitória Helena Cunha Espósito (PUC–SP) para a realização de pesquisas utilizando-se do método fenomenológico, bem como um canal para futuros projetos foi também aberto com o Prof. Ms. Tommy Akira Goto da Universidade São Marcos.

A partir da experiência adquirida no II Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos e da entrada de novos componentes, o grupo de estudos se propôs a realizar sua primeira incursão utilizando o método fenomenológico. Concomitantemente a necessidade de aprofundar nos conceitos fenomenológicos, percebeu-se a necessidade de apropriar-se do referencial por meio da realização de uma pesquisa sobre a Busca do sentido do ser e do fazer em Psicologia para bacharéis do curso de Psicologia da UMESP.

Tal caminho se justifica para entender que a apreensão do método fenomenológico ocorre para além de uma aprendizagem intelectual de conceitos. Compreender a ruptura com uma organização de subjetividades engendrada no modelo positivista solicita a superação da separação entre teoria e prática, que nas palavras de Merleau-Ponty:

“... a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental que coloca em suspense, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia segundo a qual o mundo

está sempre “aí” antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um ‘status’ filosófico”. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 05).

A fenomenologia busca descrever a experiência tal qual ela é sem explicar causalmente seu comportamento ou levar em consideração sua gênese psicológica. Ela *“existe como movimento, antes de alcançar uma completa consciência filosófica. Ela está a caminho há muito tempo, seus discípulos se reencontram em todos os lugares, em Hegel e em Kierkegaard certamente, mas também em Marx, em Nietzsche, em Freud. (...) É em nós mesmos que encontraremos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido”* (MERLEAU-PONTY, 1971, p.6).

Etimologicamente, a palavra fenomenologia significa *“ciência”* ou *“teoria”* dos fenômenos. A fenomenologia husserliana distingue-se do fenomenismo ao designar como fenômeno tudo que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta uma significação e o conjunto das significações, Husserl denominou de *“mundo”*.

A reflexão sobre os fenômenos da consciência é o ponto de partida para examinar os diferentes sentidos ou significados do ser e do existir à luz das funções da consciência, sendo assim, a tarefa da fenomenologia é estudar a significação das vivências da consciência. A fenomenologia é a ciência das ciências, pois ela parte da análise radical da intencionalidade através da redução fenomenológica.

Husserl desenvolve o método de demonstração das estruturas da experiência, definindo o conceito de intencionalidade como *“consciência de”*. A fenomenologia husserliana busca a descrição dos atos intencionais da consciência e dos objetos por ela visados, ou seja, pela análise noético – noemático, nas quais o objeto só tem sentido para a consciência que a visa, sendo que as essências não existem fora do ato de consciência.

A redução fenomenológica ou *“epoqué”*, é a colocação entre parênteses da realidade como se concebe e é conduzida pela intencionalidade, faz o mundo aparecer como fenômeno. A vivência da consciência é vivida pelo sujeito, o qual se referem aos objetos do mundo real ou ideal e de onde adquirem os sentidos.

Já *“Lebenswelt”*, de acordo com Husserl, é o mundo da vida. Para ele, a própria ciência emerge de algo anterior a ela mesma, de um a priori concreto. A recondução da ciência à sua origem no mundo da vida, como a crítica da psicologia científica, exige a constituição da ciência do mundo da vida e uma psicologia fenomenológica. Na fenomenologia husserliana, o mundo da vida é fundamento e fio condutor para a subjetividade constitutiva do mundo.

A redução ao mundo da vida quer dizer *“colocar entre parênteses”* o que se refere a ele. Por mundo da vida Husserl entende o mundo da atitude fenomenológica, no qual ocupa-se exclusivamente com o próprio mundo da vida, (Lebenswelt). É no âmbito de nossas originárias *“formações de sentido”*, do qual nascem as ciências. Husserl tentou recuperar o mundo da vida através de um regresso ao que precede toda a conceitualização metafísica e científica, *“ir à coisa mesma”*.

“Mundo da Vida”, no sentido de mundo experimentado pelos humanos que significa uma realidade polivalente e complexa, a qual o próprio ser humano constrói. Em paralelo, Lebenswelt é constituído pela história, linguagem, cultura e valores, ou seja, o ato da consciência.

O mundo da vida conota os componentes cotidianos da existência pessoal anteriores à atividade científica, significando a situação do sujeito na relação intencional com um contexto histórico social que envolve o sujeito cognoscente e o objeto conhecido.

O método fenomenológico propõe um retorno à *“coisa mesma”* como um caminho que permite a compreensão da realidade em sua dinamicidade e a existência de um ser humano que é atribuidor de significados. Pelo método e pelo referencial teórico adotado, fenomenólogos (como Merleau-Ponty, por exemplo), serão utilizados como base para a trajetória da pesquisa: a trama existencial deve ser estudada e compreendida na situação vivida sem, porém, buscar relacionar fatos em termos causais, mas sim desvelá-los

O método fenomenológico é um convite ao exercício reflexivo que permite abarcar o novo saber conforme produzido a partir da experiência e pode participar da construção de novos paradigmas da produção de conhecimento. A fenomenologia parte do questionamento de qualquer objetividade dada e a reduz à vivência em que se dá para torná-la objeto de análise.

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador está voltado ao fenômeno a ser investigado, de forma a não considerar os pressupostos prévios do mesmo. A pergunta norteadora permite que o sujeito expresse o sentido e significado por ele vivido. Tal expressão consiste em relatar de forma natural e espontânea a situação experienciada pelo sujeito. (MARTINS & BICUDO, 1994).

O grupo, após várias leituras e diálogos, chegou a uma pergunta norteadora para a realização desta pesquisa, levando em consideração o pressuposto de que ela deveria permitir aos bacharéis de psicologia se expressarem livremente acerca do que significa para eles o ser e o fazer em psicologia. Concomitantemente, é de interesse do grupo, compreender por meio da análise dos relatos, a abordagem teórica desses bacharéis utilizada para sustentar seu fazer em entrelaçamento com seu modo de ser, sabendo de antemão, que não há como separar o sujeito do seu fazer.

O fazer humano localiza o *“alguém”* da ação. A escolha do método fenomenológico está relacionada à perspectiva epistemológica do grupo e a visão de ser humano e mundo. Ao optar por essa escolha há uma afinidade com os pressupostos de Husserl em *“ir à coisa”* mesma. Desse modo, ao construir a pergunta se buscou chegar a intencionalidade do grupo em compreender qual é o *“sentido do ser e do fazer em psicologia”* sem querer separar sujeito e objeto, o *“alguém”* de sua *“ação”*.

Dessa forma, na tentativa de atender tais demandas, uma pergunta foi elaborada pelo grupo: *“Qual o sentido do ser e fazer Psicologia em uma ancoragem teórica?”*, a qual desvela a intencionalidade do grupo e solicita o diálogo intersubjetivo com o sujeito.

A fim de alcançar o rigor solicitado pelo método fenomenológico, o diálogo com os pares pode aprofundar e ampliar a nossa trajetória optada na realização desta pesquisa. Essa trajetória foi apresentada no IV Encontro de Fenomenologia e a partir do crivo dos participantes se deu continuidade a pesquisa. Pois, o nosso aprendizado sobre a Fenomenologia ocorre com o estudo sistemático das obras sobre o tema, mas principalmente do entrelaçamento com o mundo vida nosso, enquanto profissionais de psicologia.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa seis Bacharéis em Psicologia pela UMESP. Foi considerado como critério de escolha ou rejeição dos participantes a autorização destes para a gravação de todo o conteúdo da entrevista de coleta dos relatos, sendo escolhidos como participantes apenas aqueles que concordarem com a gravação. Os alunos que se encontrarem dentro dos critérios estabelecidos e foram convidados verbalmente a participar da pesquisa.

LOCAL

As entrevistas aconteceram no campus da Faculdade de Psicologia da UMESP durante o ano de 2004.

INSTRUMENTOS

Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a entrevista semi-diretiva, na qual o entrevistador apresenta a pergunta norteadora ao entrevistado. Tal pergunta permitiu que os participantes se expressassem livremente acerca do sentido do ser e do fazer psicologia em uma ancoragem teórica. Posteriormente, os seis relatos foram transcritos na forma ingênua, leteralizados, levantado as unidades de significado, com este foi possível formar as categorias analíticas, fazer a análise ideográfica e a síntese. Foram passos não possíveis de serem apresentados na íntegra no artigo, o qual apresenta partes da trajetória, tal como ela se desenvolveu (R1) e a síntese de uma compreensão.

RELATO INGÊNUO (R1) – D.O.

Bom, para mim ser psicóloga é maravilhoso; tudo que eu sempre quis. Uma coisa que não tem muita explicação. Acho que eu me sinto psicóloga. Me formei o ano passado mas assim, não sei o que eu seria se eu não fosse psicóloga. Sabe, gosto muito, muito, muito, muito da Psicologia, uma coisa que foi onde eu achei o caminho. Antes de fazer psicologia, fiz administração e nunca exerci, nunca me senti administradora. E psicologia é uma coisa que eu adoro fazer. Fui para a área clínica. Quando eu entrei em psicologia, no primeiro ano eu falei que queria ser clínica. Entrei já com essa intenção então hoje eu fico muito feliz de ter conseguido; de hoje eu ser, de trabalhar na área clínica e tal. Então é uma coisa muito legal para mim, muito realizadora. Adoro a psicologia. Me sinto mesmo, faz parte de minha vida totalmente. Se for falar da abordagem, acho que a abordagem tem muito a ver comigo. Sou analista do comportamento, e assim, é uma abordagem que tem muito a ver com a minha história de vida. Eu acho que a gente escolhe a abordagem pela nossa história. Eu acho que a análise do comportamento embasa muito do que eu penso sobre o homem, sobre noção de homem, noção...Então é o que eu na realidade, parece que, tem algumas coisas que eu achava e a abordagem vem e qualifica aquilo que eu já achava e ensina mais coisas que eu não sabia. Então acho que a abordagem ajuda muito nisso. Já gostava, já acreditava em algumas coisas; via o mundo de alguma, dessa forma e aí quando comecei a conhecer a análise do comportamento, o behaviorismo, comecei a ver que era assim que eu via o mundo e que outras pessoas viam o mundo como eu e de forma muito mais embasada, de uma forma muito mais profunda. Acho que ajuda em tudo; na clínica eu trabalho com essa abordagem, faço toda a leitura da situação do cliente, da situação do que está acontecendo usando essa visão de homem. Acho que é isso!

LITERALIZAÇÃO DO RELATO (R1)

A psicologia é para mim, maravilhosa, pois é tudo que eu sempre quis ser enquanto profissional. Algo que não tem muito que se explicar. Não sei o que seria se não fosse psicóloga ¹, assim me sinto como tal. Eu gosto muito de psicologia e encontrei meu caminho nela ¹.

Antes de fazer psicologia, cursei administração, mas nunca a exerci como profissão. Nunca me senti como administradora. Já a psicologia, eu adoro exercer ¹.

Quando entrei no curso de psicologia, eu queria atuar na área clínica ³, área que hoje eu trabalho. Entrei já com esta intenção e hoje me sinto realizada por ter conseguido ³. Realmente me sinto como psicóloga ¹, e a mesma faz parte totalmente da minha vida ⁴.

Já em relação à abordagem, esta tem muito a ver comigo e com a minha história de vida ². Sou analista do comportamento e acho que se escolhe a abordagem segundo nossas vivências. A análise do comportamento embasa o que eu penso a respeito do ser humano ², sobre a noção de homem.

A abordagem que escolhi qualificou a concepção das coisas que eu já possuía ², mas me ensinou também coisas que eu desconhecia ³. Quando conheci a Análise do comportamento, o Behaviorismo, percebi que meu modo de ver o mundo se assemelhava com o que ela tentava passar ² e que outras pessoas viam o mundo como eu, só que de forma muito mais embasada e profunda devido o seu conhecimento da teoria ³. Assim, acredito que a abordagem que escolhemos fundamenta a nossa prática. Eu faço toda a leitura do caso do meu cliente e de tudo que ocorre, usando essa visão de homem ⁵.

TABELA DE CATEGORIAS (R1)

Categorias		Unidades de análise
1	O ser do e da Psicólogo(a) – O estado de abertura do ser	“Não sei o que seria se não fosse psicóloga”.
		“Eu gosto muito de psicologia e encontrei meu caminho nela”.
		“Nunca me senti como administradora. Já a psicologia, eu adoro exercer”.
		“Realmente me sinto como psicóloga(…)”
2	A visão de ser humano e mundo – a escolha da abordagem	“[A abordagem comportamental] tem muito a ver comigo e com a minha história de vida. (...) [Ela] embasa o que eu penso a respeito do ser humano (...)”.
		“A abordagem que escolhi qualificou a concepção das coisas que eu já possuía”.
		“Quando conheci a Análise do Comportamento, o Behaviorismo, percebi que meu modo de ver o mundo se assemelhava com o que ela tentava passar (...)”
3	A formação do e da Psicólogo(a)	“Quando entrei no curso (...) queria atuar na área clínica (...). Me sinto realizada por ter conseguido”
		“(…)mas me ensinou também coisas que eu desconhecia [a abordagem].”

		“(…)outras pessoas viam o mundo como eu, só que de forma muito mais embasada e profunda devido o seu conhecimento da teoria.”
4	A Psicologia enquanto integradora	“(…) a mesma [a psicologia] faz parte totalmente da minha vida”.
5	A atuação profissional ancorada em uma abordagem teórica	“(…) a abordagem que escolhemos fundamenta a nossa prática. Eu faço toda a leitura de caso do meu cliente e tudo que ocorre usando essa visão de homem”.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA (R1)

R1. não sabe o que seria se não fosse psicóloga, pois a psicologia é algo que ela gosta e na qual ela encontrou seu caminho. Não se sente como administradora, mas adora exercer a psicologia. Quando entrou no curso queria atuar na área clínica, o que a faz se sentir realizada por ter conseguido. D. afirma realmente se sentir como psicóloga, a psicologia norteia a sua existência.

A abordagem comportamental tem a ver com ela e com sua história de vida, embasando sua forma de pensar e de ver o ser humano. A sua escolha da abordagem qualificou a concepção que já possuía das coisas, ampliando-as. Quando conheceu a Análise do Comportamento, o Behaviorismo, percebeu que seu modo de ver o mundo se assemelhava com o que esta abordagem tentava passar, notando que outras pessoas também viam o mundo como ela, só que de uma forma mais embasada e profunda, devido o seu conhecimento da teoria. Acredita-se que a abordagem escolhida fundamenta a prática do profissional, pois toda leitura dos casos de seus clientes e tudo que ocorre em sua vida é realizado com base em sua visão de ser humano e mundo.

ANÁLISE COMPREENSIVA

CATEGORIA 1: O SER DO E DA PSICÓLOGO(A) – O ESTADO DE ABERTURA DO SER

A pergunta norteadora da pesquisa desvela o ser do ente que se manifesta através do seu discurso; falar traz o que é para ele o sentido do ser e do fazer psicologia. Esse sentido se encontra na relação que estabelece com as coisas e com o mundo, o que caracteriza a sua maneira de ser-no-mundo: R. *“Realmente me sinto como psicóloga(…)”*

Esta categoria não remete somente a questão do sentido do ser, como também permite compreender que um dos modos de ser do ente, é a abertura do ser. No entanto, o ser humano só pode definir-se, por ter consciência da sua existência, isto significa que, a partir de seu ser existente o sujeito se depara com a possibilidade de ser ou não. *“O homem existe e a partir de então define o que deverá ser”*. (PENHA, 2001, p. 31)

Ao pensar a Psicologia como um modo de ser, como o ser do ente, pode vir-a-ser psicólogo(a), já que poderia ser o que quisesse. É possível começar a busca por esta resposta do *“querer”*, o se tomar a volição como parte do que nos leva a fazer escolhas. São as nossas escolhas e o quão responsáveis somos por elas, que permite que simples possibilidades tornem-se modos de ser: *“(…) enfim, foi só eu olhar para a psicologia e falar ‘é aqui que eu quero atuar também, aqui que eu vou mudar o mundo’”*.

CATEGORIA 2: A VISÃO DE SER HUMANO E MUNDO – A ESCOLHA DA ABORDAGEM

A escolha da abordagem está diretamente relacionada com a visão de ser humano e mundo do profissional que a escolhe. Em outras palavras, a antropologia e a cosmo visão são os suportes que permitem ao psicólogo escolher uma abordagem teórica. Esse processo se dá a partir da abordagem, do que esta possibilita compreender do ser humano e mundo.

“O homem é o ser cuja existência precede a essência. A vida não é bem determinada por, nem a expressão de uma realidade material ou ideal que a anteceda cronologicamente ou logicamente. Na ausência de toda essência prévia desaparece também toda necessidade. A existência é totalmente contingente e gratuita. O homem é assim obrigado a inventar a própria vida e, queira ou não, é o que faz: não optar é uma forma de opção; a responsabilidade é total e irredutível...” (FIGUEIREDO, 1991, p.185).

O ser humano é o que escolher ser: R1: *“(A abordagem comportamental) tem muito a ver comigo e com a minha história de vida (...) (Ela) embasa o que eu penso a respeito do ser humano (...)”*

O ser do homem é uma ausência (carência) de existir, no sentido de estar fora de si mesmo. O que projeta para si, negando seus condicionamentos, renegando seu passado e lançando-se à frente de si mesmo, realizando-se na direção do futuro. Ele não é uma totalidade, acabada e determinada, mas um processo essencialmente incompleto de totalização. A práxis é o fazer humano referido ao seu projeto fundamental de transformação e autocriação. (FIGUEIREDO, 1991).

É nesta relação sujeito e mundo que o humano se percebe, se conhece e se identifica: R1: *“Quando conheci e Análise do Comportamento, o Behaviorismo, percebi que meu modo de ver o mundo se assemelhava com o que ela tentava passar (...)”*. Ou seja, a abordagem teórica apenas sustenta um modo de ser do profissional que a utilizará na sua atuação profissional. Isso fica claro na fala. R1: *“A abordagem que escolhi qualificou a concepção das coisas que eu já possuía”*.

Escolher uma abordagem teórica desvela o humano de quem opta por ser psicólogo. As nuances na visão de ser humano e mundo dão visibilidade na gradação de visão, mas há algo comum entre elas que é a responsabilidade que o ser psicólogo solicita de antemão quanto a uma formação sólida para o exercício profissional. A escuta psicológica coloca como questão o chamado do ser ao humano que o constitui. Nesse caminho, cabe ao bacharel em psicologia a escolha, em maior ou menor grau, ser responsável pela sua formação.

CATEGORIA 3: A FORMAÇÃO DO E DA PSICÓLOGO(A)

Essa categoria solicita uma recuperação de memória da profissão. Ela surge no Brasil em 1957 a partir da lei que aprovou a criação do curso de Bacharel em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Este era totalmente teórico, com apenas três anos de duração e sem a pretensão profissionalizante de psicólogo. (ANGELINE, 1997).

Somente em 27 de agosto de 1962 é que foi aprovada uma lei que regulamentou a profissão de psicologia, a lei 4.119. Até este dado momento histórico, as pessoas atuavam como psicólogos, porém sem formação específica. Havia uma compreensão de que a psicologia era uma disciplina agregada a outros cursos, pois ela deveria estar ligada a área da Educação (Psicologia Escolar); a Biologia (Psicologia Experimental); mas e a Psicologia Social, do Trabalho? Pois a partir desta melhor compreensão das possibilidades de atuação do psicólogo, que pode desenvolver o Instituto de Psicologia, criado inicialmente com quatro departamentos: Psicologia da

Aprendizagem e da Personalidade; Psicologia Experimental; Psicologia Clínica e Psicologia Social e do Trabalho. (ANGELINE, 1997).

Somente 20 anos mais tarde, em 15/09/1980 é que o CRP (Conselho Regional de Psicologia) criou uma comissão para examinar a situação do ensino da psicologia e dos estágios, pois “... *muitos dos problemas referentes ao exercício profissional têm sua origem nas condições de formação. Além disso, o currículo mínimo é o mesmo estabelecido há 20 anos...*” (QUEIROS, 1997, pg. 74).

Sendo assim, faz 20 anos que o currículo mínimo tem sido re-estruturado. É pouco tempo para acompanhar tantas mudanças, para as novas áreas serem ensinadas com rigor acadêmico. Aí é possível compreender esse percurso na fala de R2: “*Neuropsicologia e Winnicott, cadê na Metodista?*”.

No caminho de construção da Psicologia é possível apreender a superar a dicotomia entre teoria e prática. Como no R5: “*Toda a teoria que eu aprendi ao longo do curso (...) me faz compreender o comportamento dele; aquilo que ele me fala e aquilo que ele me traz*”. R3: “*O que a faculdade dá pra mim são meios e justamente a teoria pra eu poder fazer isso com um pouco mais de sentido e lógica*”.

O papel do psicólogo está em constante transformação, ou seja, cada vez mais amplia-se o campo de atuação e as instituições, mas nem sempre conseguem dar conta das exigências implementadas pelo CRP. Com se vê na fala de R2: “*Agora, eu não sei se as pessoas saem daqui formadas dentro de um, até alienadas, nessa coisa manca, arrastada nesse tripé de uma perna e meia*”. R2: “*(...) Na Metodista, se existe este tripé, ele está manco. Eu diria que arrastando por nem sei se tem duas pernas*”. R6: “*(...) A psicologia é maravilhosa, mas é uma área bem difícil*”.

CATEGORIA 4: PSICOLOGIA ENQUANTO INTEGRADORA

O ser humano e o mundo não são separados em uma dicotomia sujeito e objeto, só existem em relação. Devido à tendência científica em buscar a neutralidade nas ciências humanas, o tema de estudo (o humano) surge como um objeto e não como sujeito em relação.

A psicologia surge como uma possibilidade de re-integração do humano em seu contexto concreto e não aparente: R. “*Fazer psicologia para mim tem o sentido de mudar as coisas, de ver como elas são realmente e aí tentar melhorar as coisas, de aprofundar mesmo, de não ficar na superfície*”. Aqui a superação da dicotomia sujeito-objeto-mundo tem visibilidade ao ancorar a psicologia numa visão de ser humano e mundo responsável pela construção de novos lugares: R. “*Eu acho que o legal da psicologia é integrar tudo isso (mente, corpo, social) e ver tudo de uma só forma*”. A psicologia surge como possibilidade de integração do humano permitindo compreender o vivido e não buscar apenas explicações causais dos fatos aparentes e despropositadas.

CATEGORIA 5: A ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANCORADA EM UMA ABORDAGEM TEÓRICA

De acordo com o CFP, a atuação do psicólogo, dentro das suas especificidades profissionais, “*atua no âmbito da educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e comunicação com o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano*”. Para atuar nos âmbitos mencionados, exige-se do psicólogo a utilização de “*princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional*” (CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO, 2005).

R6: “(...) a psicologia tem que estar fundada em alguma ancoragem teórica.”

R6: “Você tem que ter algo que te deixe mais pé no chão, para analisar.”

Para MELLO (1980), a imagem do psicólogo na sociedade brasileira é marcada pela sua forma de atuação, que por um lado se divide na imagem de um profissional elitizante, que como liberal moldado pelo modelo médico, presta serviço àqueles que podem pagar pelos seus serviços e pouco contribuem para o conjunto da sociedade, e por outro lado, se baseia na vocação estudantil de ajuda ao outro, que pouco se modificam no decorrer do curso de psicologia, e que muitas vezes motivam atitudes equivocadas de desprendimento e altruísmo.

De acordo com a autora acima citada, a imagem do psicólogo para o leigo deve ser e aparecer como um homem de ciência, permitindo ao profissional uma atuação sem ambiguidades, baseado na especificidade de sua formação e dos conhecimentos psicológicos, a fim de definir claramente suas funções sociais. A impossibilidade de dissociar um sistema de ensino da sociedade, chama a atenção e integra: *“o ensino da psicologia é função de um certo papel do psicólogo que a sociedade determinou, e este papel condiciona o próprio ensino assim como juntos eles condicionam a imagem que o estudante tem do psicólogo”*. (THEBAUD, *apud* MELLO, 1980, p.3-4).

R1: “(...) a abordagem que escolhemos fundamenta a nossa prática. Eu faço toda a leitura de caso do meu cliente e tudo que ocorre usando essa visão de homem”.

R2: “Chega no final, você sente falta. (...) Tenho uma paixão, uma proximidade muito grande com a teoria winicottiana (...) outra coisa que estou apaixonado e trabalhando é a neuropsicologia.”

R6: “Tem que estar se especializando, vendo teorias, procurando uma ancoragem teórica para você poder continuar na área.”

A pluralidade de enfoques metodológicos encontrados na Psicologia (FIGUEIREDO, 1991), sempre esteve presente e é uma característica que se estabeleceu no momento da criação da ciência e que perdura até os dias atuais.

R5: “a teoria me é importante para que eu possa conhecer o que está acontecendo no campo, o que o sujeito me traz, o que existe de conhecido pela experiência humana, o que os teóricos e que os pesquisadores já conquistaram a respeito”

Essa fala desvela que há um diálogo necessário com o saber acumulado no campo psicológico que permite ao bacharel situar-se na escuta psicológica. Também se desvela que esse acúmulo não pode ocultar o humano que está diante do profissional. No dizer de R5 se vê que anterior a teoria “sobre” o alguém que está diante de si, há a experiência do próprio sujeito. É a partir dessa experiência que ele vai aí dialogar com a produção teórica. Aqui se coloca em outro lugar a teoria, que deixa de ser explicadora do ser que está “ali” e que, estruturalmente, tem sua raiz na experiência humana, sendo possível estabelecer um diálogo com o “quem” que está “ali” diante de mim psicólogo.

TABELA NOMOTÉTICA

Categorias	R1	R2	R3	R4	R5	R6
1- O ser do e da Psicólogo(a) – o estado de abertura do ser	X	X	X	X	X	X
2 - A visão de ser humano e mundo – a escolha da abordagem	X	X	X	X	X	X
3 - A formação do e da Psicólogo(a)	X	X	X	X	X	X
4 – A Psicologia enquanto integradora	X	X	X	X		
5 - A atuação profissional ancorada em uma abordagem teórica	X	X			X	X

SÍNTESE DE UM PENSAR

Analisando as categorias emergentes das unidades de sentido selecionadas, vê-se que, dentre os seis relatos, três categorias aparecem em todos eles. Trata-se das *categorias* “O ser do e da Psicólogo(a) – o estado de abertura do ser”, “A formação do e da Psicólogo(a)” e “A visão de ser humano e mundo – a escolha da abordagem”. Considerando os conteúdos dessas categorias, nota-se uma convergência no que diz respeito ao fato dos alunos entrevistados perceberem a Psicologia como algo entrelaçado ao modo de ser, sua antropologia e sua historicidade.

“A concepção de homem hegemônica na psicologia é de um ser ahistórico, abstrato, tendo uma existência em si e que se refere ao homem que pergunta: quem sou eu? Qual é o meu desejo? Por que desejo? Prende-se, com isso, chegar a uma verdade sobre si, a um essencialismo”. (COIMBRA & LEITÃO, 2003, p. 10).

Faz-se necessário o aperfeiçoamento e suporte de um conjunto de teorias e técnicas a serem aplicadas. Na categoria “A formação do e da Psicólogo(a)”, é possível encontrar falas divergentes que apontam tanto para uma formação que agrega e dá referências para a prática profissional quanto uma formação com algumas ausências no tocante a temas que, necessariamente, devem ser complementadas.

Duas outras categorias aparecem em cinco dos seis relatos: “A atuação profissional ancorada em uma abordagem teórica” e “A Psicologia enquanto integradora”. A visão de ser humano e mundo dos participantes se entrelaça. Essas categorias estabeleceram um diálogo com a visão de ser humano e a escolha da abordagem, também embasam a maneira pela qual os sujeitos visualizam a Psicologia enquanto integradora do ser humano e mundo.

A categoria “A atuação profissional ancorada em uma abordagem teórica” encontrada em dois relatos, aponta a maneira pela qual o psicólogo interage na sociedade, seus caminhos e preocupações. A escolha de uma abordagem teórica constitui uma necessidade básica para a atuação do profissional, lhe indica caminho para a análise do conteúdo subjetivo comum dado na expressão das linguagens de quem está sob seus cuidados.

“São, portanto, essas produções de subjetividade que constroem e definem as formas de pensar, perceber, sentir e agir no mundo, sendo forjados pelos diferentes equipamentos sociais. Dentre eles, as práticas psicológicas”. (COIMBRA & LEITÃO, 2003, p. 09).

A leitura atenta das categorias permite desvelar que há um fio estrutural que passeia entre elas: a visão de ser humano e mundo; que abre o horizonte de atuação profissional. A direção de escolha da abordagem, do envolvimento co-responsável na formação estão entrelaçados a uma escolha mais original, que é o ETHOS de construção da profissão do ser psicólogo. A escolha por ser isto ou aquilo, fazer dessa ou de outra forma revela o ser da ação, alguém que opta por ser psicólogo e:

“Pensar no trabalho que nós, psicólogos, temos desenvolvido é pensar neste lugar instituído, percebido como ahistórico, neutro e objetivo que nós, muitas vezes, temos ocupado e fortalecido: o do saber-poder”. (COIMBRA & LEITÃO, 2003, p. 08).

Nesse caminho, a existência do profissional se entrelaça, a trama do mundo e da Psicologia, de possibilidades de ser, passa ser integradora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, D.S.P. *Fenomenologia e análise do existir*. Org. CASTRO, D.S.P et al. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.
- DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* 8. ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- FIGUEIREDO, L.C.M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Trad. U. Zilles. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia. Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1994.
- MELLO, S.L. *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1980.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. R. de Pietro. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- PENHA, J. *O que é existencialismo?* São Paulo: Brasiliense, 2001.
- VAN DEN BERG, J.H. *O paciente psiquiátrico*. O esboço de uma psicologia fenomenológica. Campinas: Livro Pleno, s.d.

Candido J. Flauzino – UMESP E-mail: flauzin@uol.com.br
Dagmar Silva Pinto de Castro – UMESP E-mail: dagmar.castro@metodista.br
Denílson Grecchi – UMESP E-mail: denilson.grecchi@pirelli.com.br
Ludmila Dantas Feitosa – UMESP E-mail: lud_psico@yahoo.com.br
Thiago de Paula Cruz – UMESP E-mail: tpc_psico@yahoo.com.br